

TRANSVENDO A CULTURA, A LINGUAGEM E A PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO

Mailsa Carla Pinto Passos
UERJ/Brasil

Rita Marisa Ribes Pereira
UERJ/Brasil

*O olho vê, a lembrança revê, a imaginação transvê.
É preciso transver o mundo.*
(Manoel de Barros)

Já há algum tempo que temos nos interessado pela cultura como produção, pelos estudos da linguagem e de como estes dois campos tão ligados à nossa condição de humanidade se articulam à produção de conhecimento, característica de humanidade e também nosso ofício.

Em diálogo com essas três instâncias da vida humana, temos tido muitas pistas de o quanto o conhecimento é múltiplo/diverso e de como ele e a imaginação são próximos, mesmo que nossa formação dentro das grades da ciência moderna – que ao mesmo tempo que nos garante a visão de algumas coisas também nos cega – insista em dizer o contrário. Vendo, revendo, transvendo, vamos reconfigurando a humanidade da ciência: não há como pensar o conhecimento objetivo do mundo, sem ao mesmo tempo subjetivar.

Creemos que o primeiro momento do conhecimento é o movimento de imaginar. E como sugeriu um dia o poeta Manoel de Barros: a imaginação transvê o mundo. Defendendo a necessidade de potencializar essa prática, defendemos também a idéia de que a imaginação funda a possibilidade do conhecimento ao transver o mundo, na medida em que nos reapresenta o mundo em forma de indagação, curiosidade, encantamento.

Todo conhecimento produzido é ao mesmo tempo algo que já estava no mundo – isso é também manifestado por meio dos autores que trazemos par o texto, nossa base teórica e nosso diálogo necessário - mas inventamos também algo que não existia, que fomos nós que inventamos como discurso. Uma invenção que busca se tornar verdade. No caso específico das ciências humanas, a imaginação que permite ver, problematizar, compreender, traduzir.

Entendemos também – ampliando pro nosso campo de atuação o pensamento do poeta - que essa “transvisão” no que diz respeito ao campo do conhecimento científico nas ciências humanas é absolutamente necessária, é imprescindível. “Para se dar a conhecer,

transveja!”

A proposta deste eixo temático, constituído de temáticas transvistas, vem ao encontro de discussões recorrentes contemporaneamente no campo da Educação e mais especificamente nos estudos do currículo. Dentre as questões que nos colocamos no seu processo de organização, destacamos: “o que é produzir conhecimento em educação contemplando a diversidade?”, “de que diversidade estamos falando?”, a ainda: “é possível perceber a diversidade, sem transvê-la?” No enfrentamento dessas questões, reunimos aqui pesquisadores de formações variadas e com distintas filiações institucionais, no Brasil e no Exterior.

Abrindo o grupo de artigos propostos, o professor Loïc Chalmel, da Universidade de Rouen – França, escreveu o artigo com o título *O outro mente? Verdades e mentiras do pedagógico*, discutindo como a idéia da alteridade vem aparecendo ao longo da história do pensamento pedagógico. Para isso reflete sobre o tema à luz de um quadro teórico em torno de quatro abordagens: a teológica, a filosófica, a psicanalítica e, por fim, a pedagógica.

Na seqüência, a Siomara Borba e Vera Teresa Valdemarin, respectivamente professoras da Universidade do Estado do Rio de Janeiro e da Universidade Estadual Paulista de Araraquara, apresentam uma reflexão sobre o tema da pesquisa em educação e do trabalho teórico que envolve a construção do objeto da pesquisa no artigo *A construção teórica do real: uma questão para a produção do conhecimento em educação*. Tendo como porto de partida as contribuições de Mirian Limoeiro Cardoso, as autoras assumem pensar o objeto da pesquisa em educação como um real que não se reduz ao empírico, mas que traz a presença do conhecimento teórico e que introduz - no debate sobre a prática investigativa em educação - a necessidade de revisão do significado do *objeto* a ser conhecido, *objeto* que é ação educativa em suas diferentes e várias manifestações e realizações.

A seguir Rita Marisa Ribes Pereira, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, reflete sobre a produção do conhecimento para o campo da pesquisa com crianças, apresentando nuances da relação das crianças pequenas com os aparatos técnicos e da produção de conhecimento envolvida nessa relação. O artigo *O menino, os barcos, o mundo: considerações sobre a construção do conhecimento* trata ainda do entrecruzamento das instâncias ética e epistemológica na tarefa de pesquisa, considerando o pesquisador um sujeito inserido na cultura, que encontra na vida a matéria prima de suas indagações científicas.

A forma singular como as crianças vêem e *transvêm* o mundo é trazida também no artigo *Eu, tu, eles: a amizade como passaporte para o brincar*, onde Raquel Gonçalves Salgado e Maira Regina Souza Silva, da Universidade Federal do Mato Grosso, que observam os critérios criados pelas crianças para formar grupos em suas brincadeiras. Nesse contexto, a amizade aparece como um critério significativo e as autoras se dedicam a apreciar com mais afinco as mais variadas formas como o sentimento da amizade atravessa as brincadeiras infantis.

Da amizade passamos ao amor. *Em Infância heterogênea. Educação homogênea: cartas de amor em três grupos de crianças mexicanas*, Sarah Corona Berkin, da Universidade de Guadalajara – México, faz uma análise da produção da linguagem infanto-

juvenil a partir da escrita de cartas de amor – manuscritas no papel ou intercambiadas pela *internet*. A partir desses escritos, a professora compara a produção de três grupos distintos, considerando suas características autorais e também o contexto sócio-político em que esses grupos se relacionam com a linguagem escrita. A reflexão sobre a diversidade é trazida para o campo da política educacional sob a forma de paradoxo: como promover a diversidade sem a distribuição equitativa dos recursos que permitam efetivamente viver a diversidade?

Iara Tatiana Bonin e Rosa Maria Hessel Silveira, professoras da Universidade Luterana do Brasil abordam o tema da diversidade focalizando os conceitos e pré-conceitos que circundam a visão do corpo do gordo na produção literária destinada às crianças e jovens. Em *As formas do corpo: marcas da(s) diferença(s) em personagens gordos da literatura infantil*, as autoras analisam como são construídas as personagens gordas e de que maneiras essas personagens se inserem na trama das histórias apresentadas, as justificativas para a sua condição e o que delas é esperado.

Deixando o olhar vagar pela literatura, Márcia Cabral da Silva, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, apresenta o artigo *Leitura para meninas e moças na produção editorial de José Olympio: entre o bom comportamento moral e a formação do gosto literário*. A autora fala da importância que a *Coleção Menina e Moça*, publicada na década da 1930 pela Editora José Olympio, teve na formação da leitora brasileira dessa época e do quanto essa formação estava atrelada a uma educação moral pautada nas regras do bom comportamento.

O olhar de Letícia Fonseca Richthofen de Freitas, da Universidade Federal de Pelotas, volta-se aos livros didáticos, buscando analisar o modo como apresentam a identidade regional dos contextos onde são produzidos ou utilizados. No texto *Currículo cultural: o que ensinam os livros didáticos regionais sobre identidades?*, a autora traz para o debate a análise feita de 14 livros didáticos dos anos iniciais adotados em diversos estados brasileiros, como Rio de Janeiro, São Paulo, Minas Gerais, Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná, Pernambuco, Bahia, Goiás, observando como a concepção de identidade é tratada em cada um deles.

Marco Antonio Leandro Barzano, professor da Universidade Estadual de Feira de Santana, apresenta o artigo *Escolas em Lençóis-BA: um currículo produzido para ser negro*, que consiste nos resultados de sua tese de doutoramento e trata da parceria de uma ONG com a Secretaria de Educação da cidade de Lençóis, no Estado da Bahia, e a construção de uma pedagogia que tem como foco uma educação afro-brasileira promovida pelo diálogo entre a ONG e os professores do Ensino Fundamental da Rede Municipal de Lençóis.

Em *Universidade, sociedade do conhecimento e conexões culturais: narrativas a respeito de um mesmo objeto* os professores Carlos Roberto de Carvalho, Valter Filé e Anelice Ribetto – os dois primeiros do Instituto Multidisciplinar da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro e a terceira, professora da Faculdade Formação de Professores da Universidade do Estado de Rio de Janeiro em São Gonçalo – discutem o cotidiano de uma universidade na Baixada Fluminense com seus currículos voltados para um alunado

formado em sua maioria por mulheres das classes populares e as populações afrobrasileiras.

Finalizando, Mailsa Carla Pinto Passos, em seu texto *Museus, ruas e mercados: processos identitários e alianças da diáspora*, também traz relatos de uma experiência pedagógica. Aqui a experiência é vivida pela turma de pós-graduação do programa onde atua, na Universidade do Estado do Rio de Janeiro e os três professores da disciplina eletiva “Arte e Conhecimento da diáspora africana”. A autora narra dois eventos ocorridos em “idas a campo” na disciplina e que provocam uma série de reflexões sobre os processos identitários da diáspora e o efeito potencializador dos encontros entre indivíduos de universos culturais distintos para compreendermos como esses processos se dão.

Desejamos então uma boa leitura e esperamos que a dose de imaginação – somada à seriedade e competência teórico-metodológicas – na produção do conhecimento científico contida aqui nesta sessão temática possa contribuir para outros imaginadores/leitores/pesquisadores que tenham a cultura, o conhecimento e a linguagem como questões em seus trabalhos acadêmicos. É uma honra tê-los como leitores!

Correspondência

Mailsa Carla Pinto Passos – Graduada em Letras pela Universidade Federal do Rio de Janeiro; doutora em Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Professora Adjunto da Faculdade de Educação da UERJ e membro do Laboratório Educação e Imagem/UERJ/Brasil.

E-mail: mailsa@globo.com

Rita Marisa Ribes Pereira – Graduada em Filosofia pela Universidade Federal de Pelotas; doutora em Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro; Professora Adjunto da Faculdade de Educação da UERJ/Brasil.

E-mail: ritaribes@uol.com.br

Texto publicado em *Currículo sem Fronteiras* com autorização das autoras.
